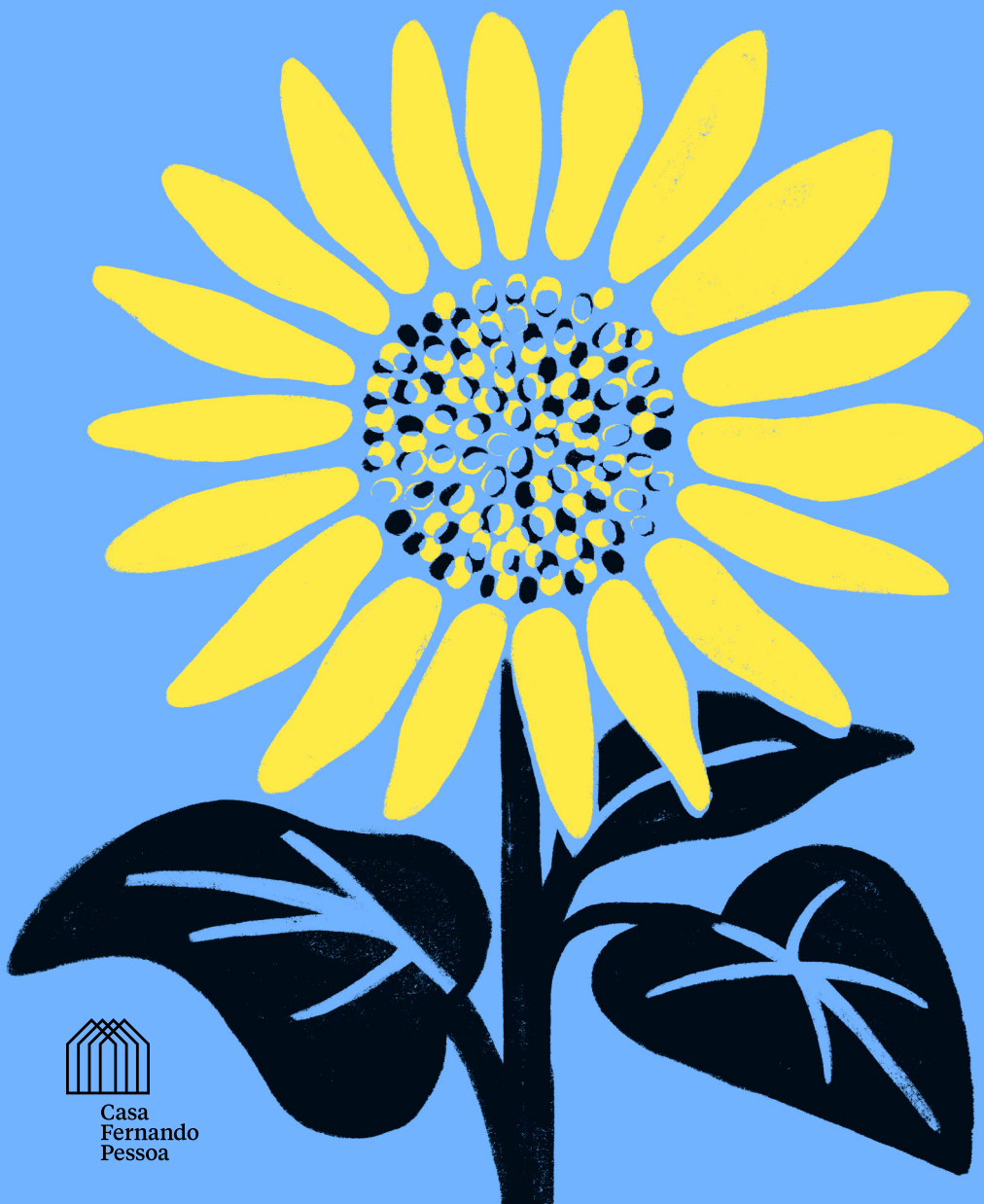


Quando a primavera chegar

10 poemas de guerra



Casa
Fernando
Pessoa

Quando a primavera chegar

10 poemas de guerra

Poesia ucraniana traduzida
por poetas portugueses

Quando a primavera chegar

10 poemas de guerra

Poemas de

Borys Khersonsky
Halyna Kruk
Kateryna Kalytko
Kateryna Mikhalitsyna
Oleg Kadanov
Oleksandr Irvanets
Olga Bragina
Pavlo Korobchuk
Svitlana Povalyaeva
Vasyl Makhno

Traduções de

João Luís Barreto Guimarães
Jorge Sousa Braga
Matilde Campilho
Miguel Martins
Raquel Nobre Guerra
Regina Guimarães
Ricardo Marques
Rosalina Marshall
Tatiana Faia
Vasco Gato



Casa
Fernando
Pessoa

Título: *Quando a primavera chegar — 10 poemas de guerra*

Autores: Borys Khersonsky, Halyna Kruk,
Kateryna Kalytko, Kateryna Mikhalitsyna,
Oleg Kadanov, Oleksandr Irvanets, Olga Bragina,
Pavlo Korobchuk, Svitlana Povalyaeva, Vasyl Makhno

Traduções: João Luís Barreto Guimarães, Jorge Sousa Braga,
Matilde Campilho, Miguel Martins, Raquel Nobre Guerra,
Regina Guimarães, Ricardo Marques, Rosalina Marshall,
Tatiana Faia, Vasco Gato

Organização: Casa Fernando Pessoa / EGEAC

© dos autores

© dos tradutores das versões inglesas

© das traduções portuguesas pertencem à Casa Fernando Pessoa/EGEAC

Capa: Joana Estrela

Grafismo: Pedro Serpa

Dezembro de 2022

Foi respeitada a opção ortográfica de cada tradutor.

A Casa Fernando Pessoa agradece a Miguel Mesquita da Cunha,
a Evgenia Lopata do Meridian Czernowitz,
ao National Translation Month e ao Chytomo media.



#translationmonth

Estes 10 poemas foram selecionados a partir de recolhas de poesia ucraniana, feitas pelo National Translation Month (NTM) e pelo Chytomo media.

These 10 poems were chosen from special features dedicated to Ukrainian poetry, organized by the National Translation Month (NTM) and Chytomo media.

Índice

Poesia de guerra, <i>Clara Riso</i>	6
Borys Khersonsky	7
<i>E então, irrompeste sem aviso prévio</i> <i>Traduzido por Rosalina Marshall</i>	
Halyna Kruk	11
<i>tu estás de pé, com um cartaz «não à guerra»</i> <i>como se fosse uma indulgência</i> <i>Traduzido por Ricardo Marques</i>	
Kateryna Kalytko	15
<i>A menos de um dia da guerra</i> <i>Traduzido por Vasco Gato</i>	
Kateryna Mikhalitsyna	18
(filho / deveres de eloquência) <i>Traduzido por Regina Guimarães</i>	
Oleg Kadanov	21
<i>Sou uma bateria que continua a funcionar</i> <i>Traduzido por Tatiana Faia</i>	
Olga Bragina	24
<i>daqui não há como sair porque é demasiado curta</i> <i>a distância a um tiro depois da paz</i> <i>Traduzido por Raquel Nobre Guerra</i>	

Oleksandr Irvanets	27
Sábado, 5 de Março	
<i>Traduzido por João Luís Barreto Guimarães</i>	
Pavlo Korobchuk	30
<i>quando a primavera chegar e o inverno abrandar</i>	
<i>Traduzido por Jorge Sousa Braga</i>	
Svitlana Povalyaeva	33
<i>ainda que sejas soldado e não possas ir — podes,</i>	
<i> pelo menos, caminhar, o que é óptimo</i>	
<i>Traduzido por Miguel Martins</i>	
Vasyl Makhno	36
Guerra	
<i>Traduzido por Matilde Campilho</i>	
Notas biográficas dos tradutores	41

Poesia de guerra

Aqui podem ler-se 10 poemas ucranianos escritos recentemente, em tempos de guerra. Apresentam-se 10 poetas da Ucrânia em tradução feita por 10 poetas portugueses. Poetas traduzem poetas, neste caso concreto através do intermédio de versões inglesas que serviram de ponte. Os poemas, escritos nos primeiros meses da guerra, circularam livremente como anexos de email, em documentos preparados por uma organização internacional que promove a divulgação da tradução literária — National Translation Month — e por um projeto ucraniano independente de cultura e edição — Chytomo. A escolha dos autores foi feita por Evgenia Lopata, editora e organizadora do Festival de Poesia Meridian Czernowitz. A Casa Fernando Pessoa solidariza-se com quem continua a escrever e a trabalhar na edição de poesia na Ucrânia, acreditando que a literatura tem uma palavra a dizer.

Clara Riso

Diretora da Casa Fernando Pessoa

Dezembro 2022

Borys Khersonsky

Boris Khersonsky (Chernivtsi, 1950) é poeta, tradutor e professor de psicologia clínica. Nos tempos soviéticos, Khersonsky fazia parte do movimento Samizdat, que disseminava literatura alternativa e não conformista por meio de publicações não oficiais. Publicou mais de 19 livros de poesia e ensaios em russo e, mais recentemente, em ucraniano. É unanimemente considerado um dos poetas mais proeminentes da Ucrânia. Foi o poeta laureado do Laurels Poetry Festival de Kyiv (2008) e distinguido com os prêmios Brodsky Stipend (2008), o Prémio Especial do Júri no Festival Literaris de Literatura do Leste Europeu (2010) e o Prémio Russo (2011).

Traduzido por **Rosalina Marshall**
a partir da tradução de Nata Vygovskaya e Anna Geisherik

E então, irrompeste sem aviso prévio,
trouxeste à tua amante um bouquet
de tanques, helicópteros, mísseis de cruzeiro em vez de flores,
disseste-lhe: a culpa é tua, aqui está uma bomba, uma granada,
Cabra, como te atreves a magoar o teu irmão mais velho?

Isso não é um foguete de treino, podes ter a certeza disso.
Não estamos a entrar, estamos a divertir - cala-te, cabra.
Joelhos separados, sangue no lençol — é isso que é o amor.
Estamos a impor-te a paz, um jantar servido com um zakuski blindado.
Isto não é um mundo qualquer. Isto é um mundo Russo. Compreendes? Russki!

Russo, quantas vezes devo repetir?
Agora, veste-te e faz-me uma sanduíche!
Onde está o teu protector? Longe a abanar a língua?
Não sonhaste sempre em ter um namorado assim?
Aquele que ameaçaria deixar o seu agressor falido?

Insulta o nosso papá chamando-lhe clepto paranóico,
e ao homem Russo - um vigarista e um alcoólico.
Viemos com fogo. Recebem-nos com o fogo?
Dizes vai-te foder para que continuemos fodidos.
Como costumam dizer, até nova ordem,

Ali - na zona íntima, há muito espaço para batalhas.
Ou nos lançaremos num ataque aéreo ou dispararemos mísseis.
Reconheceste-me, não foi? Sou eu, o teu Caim, o teu irmão mais velho.
Oh, tens um anjo da guarda? Mas nós temos aviões.
Estamos a esmagar-te com os nossos arquivos secretos, com os nossos ecrãs de televisão,

Empurraremos um tirano num preservativo transparente para dentro de ti,
Temos a praça vermelha e faremos aí um desfile.
Anda, monta o teu ex-cavalo branco morto,
Ele está coberto de sangue, vômito, sujidade e merda.
Estou a escrever merda e o corrector ortográfico corrige para metida.

Boa noite, camaradas - num lençol sujo, numa mortalha,
No vosso país amado que contaminaram e conspurcaram.

Halyna Kruk

Halyna Kruk (Lviv, 1974) é escritora, tradutora e crítica literária. Tem um doutoramento em Literatura Ucraniana e está atualmente a fazer investigação em literatura medieval ucraniana. É autora de cinco livros de poesia: *Journeys in Search of a Home*, *Footprints on Sand* (ambos de 1997), *The Face beyond the Photograph* (2005), *Co(an)existence* (2013), *An Adult Woman* (2017) e do livro de contos *Anyone but me* (2021). Kruk tem sido amplamente publicada em revistas literárias e ganhou dois prémios literários ucranianos. Os seus poemas e contos foram traduzidos para mais de 20 línguas.

Traduzido por **Ricardo Marques**
a partir da tradução de R. B. Lemberg

tu estás de pé, com um cartaz «não à guerra» como se fosse uma indulgência
ao que não pode ser mais revertido,
a guerra que não pode mais ser revertida,
é como o lustroso sangue de uma artéria ferida,
ele flui lentamente até te matar,
entra nas nossas cidades com gente armada,
espalha grupos subversivos pelos nossos pátios interiores,
são como bolas de mercúrio letais que não podem ser apanhadas,
nem viradas ao contrário, apenas traçadas e destruídas
por esses gestores civis, escriturários, informáticos e estudantes,
a vida não os preparou para os combates urbanos, mas a guerra sim
nas condições do terreno, com as pressas, no terreno dolorosamente conhecido
as defesas territoriais admitem primeiro aqueles com experiência de batalha,
e depois aqueles que lutaram apenas no *Dune* e no *Fallout*
que fizeram uma pequena *masterclass* sobre como preparar cocktails explosivos
dada por um barman conhecido. Na discoteca mais próxima as crianças
estão a dormir,
estão a chorar,
e estão a nascer
para o mundo em que agora é impróprio para viver,
no parque infantil, um conjunto de ouriços antitanque
e de bebidas mortíferas são servidas — agora um negócio familiar
para todos os parentes, que assim experimentam a alegria da comunicação
e do trabalho coletivo coordenado — a guerra diminui a distância
entre duas pessoas, entre o nascimento e a morte
entre o que não queríamos para nós
e o que éramos capazes de fazer
— mãe, atende — implora uma mulher
há mais de uma hora nas caves de um prédio de habitação

teimosa e estupidamente, não desistindo de acreditar em milagres,
mas a mãe dela não está disponível, ela está nos subúrbios
onde as casas caem como castelos de cartas
devido à ofensiva total
onde as torres de comunicação deixaram de poder comunicar
desde ontem
onde o mundo se desmoronou no antes e depois
ao longo da dobra desigual do cartaz «não à guerra»
que tu atirarás para o caixote de lixo mais próximo
ao voltar para casa depois dos protestos, oh, poeta russo

a guerra mata com mãos indiferentes
e até com as ociosas mãos de simpatizantes.

Kateryna Kalytko

Kateryna Kalytko (Vinnytsia, 1982) é poeta, romancista e tradutora. Publicou seis livros de poesia e um romance. Os seus poemas apareceram em várias antologias de literatura ucraniana e os seus trabalhos foram traduzidos para inglês, polaco, alemão, hebreu, russo, arménio, italiano e sérvio. Kalytko é uma aclamada tradutora, que traduz de bósnio, croata e sérvio para ucraniano. Recebeu o prémio Metaphora em 2014 pela sua tradução dos trabalhos de Miljenko Jergović. Kalytko é também a fundadora do Intermezzo Short Story Festival, o único festival na Ucrânia dedicado unicamente ao género do conto.

Traduzido por **Vasco Gato**
a partir da tradução de Oles Petik

A menos de um dia da guerra
tivemos uma discussão:
estúpida, abrupta, contundente,
como se não bastasse já a ansiedade,
como se ambos
tivéssemos bebido um gole de ácido sulfúrico.
Quem haveria de saber? Toda a gente sabia.
A iminência assemelha-se a uma poeira radioactiva,
desfazendo os vínculos entre palavras
e transformando o que se disse
num tumor sanguíneo.
Tem sido esse o contexto das nossas conversas nas últimas semanas,
e é por isso
que a nossa suposta sinceridade
não pára de ganir como um cão
adorado que absorveu uma dose de radiação
e merece a misericórdia de ser abatido.
É mais fácil agora, pois a guerra começou, mais fácil,
pois tudo se esclareceu entretanto em relação à vida anterior,
à discordância,
ao âmago,
ao ar.

Kateryna Mikhalitsyna

Kateryna Mihkalitsyna (Mlyniv, 1982) é poeta, escritora de livros infantis, tradutora e editora. Enquanto estudava Biologia, envolveu-se numa comunidade literária para crianças e jovens. Fez um mestrado em Língua e Literatura Inglesas. Trabalhou como copywriter, explicadora de Inglês e Biologia, tradutora de artigos de Genética e Farmácia. Começou a trabalhar na área livreira como editora e tradutora na Astrolia Publishing House. Desde 2013, é vice-editora-chefe da Old Lion Publishing House. Envolveu-se em projetos artísticos e sociais de promoção da leitura e participa regularmente — seja como autora, editora, tradutora ou moderadora — nos maiores encontros literários da Europa.

Traduzido por **Regina Guimarães**
a partir da tradução de Ksenyslava Krapka

(filho / deveres de eloquência)

«mãe, donde vem a guerra?» — pergunta ele baixinho e logo a seguir, sem pausa: «a guerra é um desastre, certo? por alguma razão rebentou? como por exemplo, sabes, a malvadez...»

ela sente-se como se a cabeça tivesse levado uma bordoadada desferida por uma barra de ferro tiraram-lhe o tapete, arrancaram-lhe o cérebro para fora do crânio. «onde foste tu buscar isso, filho?..»

«talvez tenhamos jogado à palha curta, mãe, talvez tenhamos puxado a palhinha errada no fardo de Deus? talvez quiséssemos subir até tocar o céu, quando isso era pecado como fizeram os homens da Babilónia, sabes, e a torre desabou, sabes, contaram-me isso na escola...»

ela retém as lágrimas, com todo o fel que elas contêm, cala-se e respira a custo o ar das palavras não ditas.

«mãe, diz-me uma coisa, as guerras também se pagam? — ele embacia expirando para um naco de janela e desenha uma forma no vidro baço. aqui fica a Crimeia, aqui Donetsk — inviolados, não é? territórios intactos intocADOS e nossos — é assim, não é, mãe?»

respirando a custo as palavras ditas desta vez, «intocÁVEIS» — sugere ela então. ele cola a bandeira bicolor no meio do desenho na janela. — «e onde, onde raio foste tu buscar essas palavras tão pouco infantis?»

Oleg Kadanov

Oleg Kadanov é músico, ator e poeta. Publicou um livro de poemas intitulado *Not me, but that one* que foi considerado o melhor livro de poesia pelo Comité de Rádio e Televisão da Ucrânia e ficou na lista do Kyiv Book Arsenal de 2018. Compôs a peça *A Dream of a Better Land* (Poznań, Polónia), que entra no filme *The Kharkiv Holocaust*, vencedor do prémio de melhor documentário no International Film Festival de Kyiv. É um dos criadores do projeto Mannerheim Line e lidera o projeto musical Kerouac's Mantra. Foi diretor de arte do Kharkiv Club Cult e o curador da parte musical do festival de arte contemporânea Parade Fest, em Kharkiv, na Ucrânia.

Traduzido por **Tatiana Faia**
a partir da tradução de R. B. Lemberg

Sou uma bateria que continua a funcionar
mesmo com carga negativa
arame farpado de um grito na garganta
toda a gente escuta
mas ninguém pode ouvir
como o baixo, ansioso som
pulsa no céu
é a voz de deus
deus desnecessário para ninguém
há dez dias completos
que chove pedra vermelha
é tempo de ler
o manual da reencarnação:
em caso de emergência
1. a) partir o vidro da calma
2. b) apagar a camada protectora de medo
olha, aqui tens
a fórmula molecular do amor
usa-a, depois passa-a às crianças

Olga Bragina

Olga Bragina (Kyiv, 1982) é poeta, escritora de prosa e tradutora. Licenciou-se em Tradução pela Universidade Nacional de Linguística de Kyiv. Bragina é autora de seis livros: *Applications* (2011), *Namedropping* (2012), *Background Light* (2018), *Speech is Like a Flash Lamp* (2020), *Prisms of Pleroma* (2021) e *Pelicans* (2021). Tem publicado regularmente em diversas revistas literárias. Traduziu o livro de poemas de John High *Vanishing Acts* e o livro de Katie Farris *Ice for You* para russo — foram publicados em Kyiv, em 2018 e em 2021, respetivamente.

Traduzido por **Raquel Nobre Guerra**
a partir da tradução de Yuliia Kostiuk

daqui não há como sair porque é demasiado curta a distância a um tiro depois da paz
a guerra apalpa o seu próprio corpo
entre aqueles que como nós foram expulsos das universidades da verdade histórica
erguida sobre as cinzas dos sentidos
toma aqui está o meu coração como prova de que a vida não passa assim
não há como sair daqui porque as crianças desenham frutos de outono
nas paredes caiadas de branco incrível folheado de pensamentos
aí nessa superestrutura até à base é onde o míssil vai cair com raios de luz quente
como se ainda fosse primavera
daqui não há como sair porque o mundo está pintado a sangue e carnações de sombra
mais cedo ou mais tarde a guerra vai acabar e tu para onde vais
a paz não existe que importa isso afinal são malvas esse germe gerado por uma loba
aqui corpo envenenado vai ser uma nova cidade onde pessoas felizes vão sair de casa
para uma pintura contando quantos de nós terão restado
isto é quase amor a tudo o que pode ser perdido a tudo o que dura apenas um dia
como uma borboleta na alma
daqui não há como sair porque o mundo tem-nos debaixo de olho
espia-nos por um microscópio onde é excitante espetar a agulha espicaçar
o corpo contorcido no soluto vê-lo flutuar na água a alma
é demasiado pequena para proteger o mundo guarda os desenhos está em guerra consigo
fomos rasgados ao meio
não reconheceremos mais esta cidade e de nada serve olhares para dentro dos olhos
esse espelho mente que tenhas existido do lado de lá por detrás da cortina
há um mundo quente uma primavera de outubro que palpita táctil sob a pele
sangue pulsado do coração que deve estar vivo de outro modo
para onde irás quando vier a paz
e eu que vou aprender a desenhar para que tudo se torne real

Oleksandr Irvanets

Oleksandr Irvanets (Lviv, 1961) ficou conhecido em 1985 como co-fundador do grupo poético Bu-Ba-Bu, que procurou quebrar tabus linguísticos e literários na Ucrânia. O seu aclamado romance *Rivne/Rovno* (2001) passa-se na cidade com o mesmo nome: Rivne (em ucraniano) e Rovno (em russo), que está dividida por um muro que simboliza «a mentalidade esquizofrénica» pós-soviética. Irvanets escreveu vários livros de poemas, desde 1986. O seu estilo de escrita é irónico e muitas vezes sarcástico, procurando dessacralizar grandes símbolos. Irvanets escreveu também várias obras em prosa, além de peças para teatro e cinema. O seu livro *Five Plays* (2002) foi traduzido para alemão, francês, inglês, polaco e croata.

Traduzido por **João Luís Barreto Guimarães**
a partir da tradução de Ella Yevtushenko

Sábado, 5 de Março

Desde a cidade derruída por mísseis
Gritarei ao mundo inteiro:
Este ano, no Domingo do Perdão,
Não perdoarei os erros dos outros.

Mundo, oh mundo, quão pérfido é teu abandono!
Mas com toda esta dor e toda a desgraça
Kiev está de pé com suas cúpulas douradas,
Bucha e Irpin estão de pé também.

Iremos sobreviver a isto, iremos resistir,
Sob céus de paz limparemos a nossa terra
Dos corpos que o maldito vampiro careca
Com olhos de leitão enviou para aqui.

Também eu sobreviverei ao bombardeamento,
Firme e de pé sobre a minha terra natal.

Rússia, nunca terás o meu perdão.
... Bielorrússia, tu ainda és nossa amiga?

Pavlo Korobchuk

Pavlo Korobchuk (Luzk, 1984) é poeta, escritor de prosa e jornalista ucraniano. Começou a despertar a atenção pública como participante de encontros de poesia dita. Em 2004, ganhou o prémio literário da editora Smoloskyp, ao qual se seguiram vários outros. Ao seu livro de estreia *Nachenebo* (Fasting, 2005), seguiram-se outros volumes de poesia, bem como romances e contos. Escreve textos jornalísticos e crítica literária e trabalha para a rádio. Korobchuk também é músico e é habitual juntar a música e a poesia — também em colaboração com outros artistas. Os seus textos foram traduzidos para mais de 10 idiomas e publicados em revistas e antologias na Ucrânia, Itália e Polónia.

Traduzido por **Jorge Sousa Braga**
a partir da tradução de Nika Gorovska

quando a primavera chegar e o inverno abrandar
quero oferecer-te flores
mas primeiro deixa que a nossa defesa anti-aérea
derrube os mísseis inimigos

quero encontrar-me contigo na estação de comboios
para podermos nadar no rio à noite
mas primeiro tenho de combater
e tu tens ajuda humanitária para entregar

quando voltar a haver verão e silêncio nos terraços
quero acariciar-te ao amanhecer
mas primeiro deixa os ogres terminarem os seus bombardeamentos
e arderem nos seus malditos tanques, quando retirarem
ninguém abandonará a sua vida futura
nenhum de nós aqui se assusta
com a saída do abrigo para a liberdade nós lutamos
enquanto nos beijamos ao som das sirenes

Svitlana Povalyaeva

Svitlana Povalyaeva é escritora e poeta. Trabalhou vários anos como jornalista nos principais meios de comunicação ucranianos. É autora de oito livros, um dos quais de poesia, intitulado *Depois da Crimeia* e escrito após a anexação da Crimeia pela Rússia. Ao longo dos anos, participou em inúmeros eventos literários, festivais e fóruns, como autora, apresentadora e palestrante. O seu filho mais novo, Roman Ratunyi, era um conhecido ativista ucraniano, que se alistou como voluntário no exército aquando da invasão russa. Morreu na frente de batalha, em junho de 2022.

Traduzido por **Miguel Martins**
a partir da tradução de Odarka Bilokon

ainda que sejas soldado e não possas ir — podes, pelo menos, caminhar, o que é óptimo
um soldado de infantaria tem noção da variedade dos solos, da topografia e das distâncias
mas, a toda a volta, só há água do mar e os contornos das margens esbatem-se na tua
imaginação,
e as placas tectónicas
estão nas profundezas inacessíveis — não se pode confiar, os teus pensamentos carecem
de oxigénio, sentes uma pressão vinda de todos os lados
não se pode confiar na esperança e também não se pode confiar no medo
se vais cortar uma árvore, primeiro grita «Saíam!»
porque estás na floresta — não estás sozinho, nunca estás sozinho na terra, multiplica por
ataques de asas abertas
um piloto faz descolar um avião, um navio chega aos rápidos do Dniepre vindo do mar
olá, irmão, só existe um ponto verde... online — estás à espera de que ele se acenda
tu e eu ficamos no limite — entre o chão, a água e o céu —, nada se tornou realidade por
enquanto

Vasyl Makhno

Vasyl Makhno (1964, Chortkiv) é poeta, escritor de prosa, ensaísta e tradutor. É autor de 14 livros de poesia, sendo o mais recente intitulado *One Sail House* (2021). Também publicou um livro de contos, um romance e quatro livros de ensaios. Os trabalhos de Makhno foram traduzidos para várias línguas; os seus livros foram publicados na Alemanha, Israel, Polónia, Roménia, Sérvia e Estados Unidos da América. Dois dos seus livros de poesia, *Thread and Other New York Poems* (2009) e *Winter Letters* (2011), foram publicados em edição inglesa. Makhno foi distinguido com o prémio Kovaliv Fund (2008), o prémio international Povele Morave in Poetry da Sérvia (2013), o prémio Livro do Ano da BBC (2015) e o prémio literário judaico-ucraniano «Encontro» (2020).

Traduzido por **Matilde Campilho**
a partir da tradução de Olena Jennings

Guerra

Deus, como Tychyna escreve:
«E Bely, e Block, e Yesenin»
a forma como nos cercaram
pelos quatro lados

dai-nos força e poder
uma mala feita à pressa e pão
naturalmente as suas raposas matreiras mentem
sobre não termos nem escudos nem séculos

Ihor nos guia a algum lugar
sobre o Dom com os seus regimentos
hoje com a neve de Fevereiro
e amanhã com um escudo em sangue

e as suas forças das trevas vêm de Tmutarakan
e Mokshas e Chud
disparam contra a nossa localização
acertam nas posições que tomamos

então o que é que existe no *Conto da Campanha de Ihor*
e o que é que existe nos antigos sons
tu — saltando descalço como um lobo
espalhando o cuspo do diabo

alcançaste os rios e fronteiras
alcançaste o meu coração cerrado
os teus ícones denegridos
nem sequer podem ser limpos com leite

Deus, como Tychyna escreve
sobre Kyiv — o Messias — sobre o país
porque não decorámos estes poemas?
Sangra — meu coração — sangra



Notas biográficas

Jorge Sousa Braga nasceu em Cervães, concelho de Vila Verde, em 1957. É médico especialista em Obstetrícia e Ginecologia. Tem vários livros de poemas publicados, na sua maioria incluídos em *O Poeta Nu* (Assírio & Alvim, 2007). A sua visão da poesia tenta abarcar outros países e outras línguas, razão pela qual tem traduzido outros poetas, que foram alvo de edições autónomas ou incluídos em antologias.

João Luís Barreto Guimarães nasceu no Porto, em 1967. Escreveu 12 livros de poesia, editados pela Quetzal, vários deles premiados e traduzidos para diferentes línguas. Os primeiros sete foram reunidos em *Poesia Reunida* (2011), ao qual se seguiram *Você está Aqui* (2013), *Mediterrâneo* (2016), *Nómada* (2018), a antologia *O Tempo Avança por Sílabas* (2019), *Movimento* (2020) e *Aberto Todos os Dias* (2023). Venceu o Prémio Pessoa em 2022.

Matilde Campilho nasceu em Lisboa, em 1982. É escritora. Publicou dois livros: *Jóquei*, de poesia, e *Flecha*, de histórias curtas. Aos domingos à noite faz rádio.

Miguel Martins nasceu em Lisboa, em 1969. Como escritor, publicou mais de trinta livros, entre poesia, prosa e ensaio. Os seus poemas estão editados em numerosos países de línguas diferentes. Como tradutor, tem também mais de trinta livros editados, com destaque para obras de Cioran, Poe, Henry Roth, Lorca, Frédéric Gros, Rabelais, E. M. Forster, Terry Eagleton, Eric Knight, David Graeber, Alfred Jarry, Luigi Russolo e Foucault, entre outros.

Notas biográficas

Raquel Nobre Guerra nasceu em Lisboa, em 1979. Publicou *Groto Sato* (Mariposa Azul, 2012); *SMS de Amor e Ódio* (Residências no Largo, 2013); *Saudação a Álvaro de Campos* (Palavras por Dentro, 2014); *Senhor Roubado* (Douda Correria, 2016). Em 2017 recebeu a bolsa de criação literária DGLAB. Em 2019, publicou a antologia bilingue *Una Coca-Cola Contigo* (Puro Pássaro, Bogotá). *Divisão da Alegria* (Tinta-da-china, 2022) é o seu mais recente livro.

Regina Guimarães nasceu no Porto, em 1957. A par da sua quotidiana escrita de poemas, tem trabalhado nas áreas do Teatro, da Tradução, da Canção, da Dramaturgia, do Desenho, da Educação pela Arte, do Vídeo. É co-fundadora do Centro Mário Dionísio — Casa da Achada. Com Ana Deus fundou a banda Três Tristes Tigres. Realizou inúmeras ações em torno da palavra dita e cantada. Organiza a Leitura Furiosa Porto.

Ricardo Marques (Sintra, 1983) é poeta e tradutor, tendo traduzido para português, entre dezenas de outros autores, Anne Carson, Billy Collins e Patti Smith. Publicou em 2021 a antologia *Já não dá para ser moderno* (Flan de Tal), onde propõe a leitura de seis poetas portugueses de agora. O seu último livro é uma antologia pessoal dos seus poemas, *Desiderio*, publicado pela não (edições) em 2022.

Notas biográficas

Rosalina Marshall é poeta, tradutora, bibliotecária e investigadora. Nasceu em Lisboa e vive em Londres desde 2003. Publicou *Manucure* (Companhia das Ilhas, 2013), *Ginecologia - Considerações em defesa da virgindade de Nossa Senhora* (não edições), 2014), *Clorântida* (Douda Correria, 2015) e *Sebastião* (Mariposa Azul, 2017). Traduziu a antologia poética de Charles Bukowski *Os Cães Ladram Facas* e selecionou e traduziu a antologia poética de Ron Padgett *Poemas Escolhidos*.

Tatiana Faia (1986) é autora de quatro livros de poemas: *Lugano* (2011), *teatro de rua* (2013), *Um quarto em Atenas* (2018) e *Leopardo e Abstracção* (2020), e de um livro de contos, *São Luís dos Portugueses em Chamas* (2016). Em 2019, o Prémio Pen de Poesia foi atribuído a *Um Quarto em Atenas*. O seu livro mais recente é *Adriano* (não edições), 2022). Vive em Oxford há uma década.

Vasco Gato nasceu em Lisboa, em 1978. Publicou em 2000 o primeiro de treze livros de poesia, intitulado *Um Mover de Mão* (Assírio & Alvim). Em 2016, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda lançou a reunião da sua obra poética com o título *Contra Mim Falo*. Publicou ainda a peça *Daqui Ninguém Entra* (Companhia das Ilhas, 2016) e o romance, *Adius* (Abysmo, 2020). Trabalha desde 2006 como tradutor literário.



**Quando a
primavera
chegar**

foi composto em caracteres Tiempos Text 9/14
em dezembro de 2022.

